

4

O Olhar das Mulheres sobre a Violência Doméstica

4.1

Contextualizando o Campo de Pesquisa

4.1.1

O Município de Duque de Caxias

O município de Duque de Caxias é um dos onze municípios que compõem a Baixada Fluminense¹, região situada a oeste da cidade do Rio de Janeiro, integrada à Região Metropolitana. Com área de 442 km, é dividido em quatro distritos (1º Distrito – Centro; 2º Distrito - Campos Elíseos; 3º Distrito – Imbariê; 4º Distrito - Xerém). Segundo dados do Anuário Estatístico do Estado do Rio de Janeiro, no ano de 2000, possuía 770.865 habitantes concentrados em grande parte nos primeiro e segundo distritos. Cabe ressaltar que a região é fruto de um grande processo migratório de outros estados, principalmente das regiões Norte e Nordeste, que se deslocaram para o Rio de Janeiro a fim de adquirirem uma melhor qualidade de vida.

Face às condições precárias dos imigrantes, estes se concentraram na região da Baixada, ao longo dos grandes eixos rodoviários, formando núcleos residenciais, em sua maioria com características de dormitórios e despertando o interesse de comerciantes para a abertura de estabelecimentos rudimentares para atendimento de suas necessidades básicas. Com o passar do tempo surgem pequenas indústrias.

Caracterizou-se desta forma um crescimento urbano desordenado e não planejado da região, com uma população de cultura originária das interações entre os imigrantes e o surgimento de questões sociais específicas de sua história.

¹ Região metropolitana do Rio de Janeiro, formada pelos municípios de São João de Meriti, Nova Iguaçu, Nilópolis, Belford Roxo, Queimados, Japeri, Duque de Caxias, Mesquita, Guapimirim, Magé, Paracambi (Prado. 2000, p.11).

Hoje, o município ainda necessita de maior investimento em políticas públicas, que busquem melhorar a qualidade de vida da população, tanto na área social, como na educação, saúde, segurança e urbanismo.

No que se refere à distribuição entre homens e mulheres, a população revela uma ligeira vantagem do contingente feminino.

Sua população experimenta situações bastante contraditórias. De um lado, o município possui a maior receita orçamentária da Baixada Fluminense e o segundo ICMS do Estado. Seu território é recortado pelas Rodovias Washington Luis e Rio-Magé, formando corredores de expansão e de atração de capitais, além de possuir uma malha ferroviária que percorre boa parte de sua extensão. Conta com importante área de preservação ambiental e uma extensa bacia hidrográfica. Há também um pólo petroquímico e está em andamento a instalação de um pólo gás-químico.

A “Linha Vermelha” reduziu a distância entre Duque de Caxias e o aeroporto internacional, favoreceu a incorporação imobiliária e estimulou a realização de novos investimentos à margem da Rodovia Washington Luis. Possui uma expressiva cultura popular, presente através do pagode, funk, forró, sambas, dos grupos de teatro amadores e dos grupos alternativos de balé.

Duque de Caxias também tem na sua história,

(...) uma expressiva presença de movimentos sociais como o dos camponeses da década de 50 e 60, o dos trabalhadores da FIAT em 1978, o dos professores a partir da primeira greve de 1979, o das associações de moradores e de sua federação (MUB) (pós – 1978) e das comunidades eclesiais de base da Igreja Católica.(Souza, 1999, p.19).

Em relação ao movimento de mulheres, nas décadas de setenta e oitenta, as mesmas reivindicavam hospital-maternidade, creches, melhoramentos de bairro e passarelas na Rodovia Washington Luiz e Rio -Teresópolis.

Por outro lado, o município é visto como um dos mais violentos do estado. Sua população sofre com problemas graves: ausência de infra-estrutura e equipamentos urbanos, pobreza de grande parte da população, com renda média de um a três salários-mínimos, alto grau de poluentes emitidos pelas indústrias

químicas, concentração de pessoas atingidas por doenças como hanseníase, tuberculose e outras, reforçada pelas dificuldades de acesso ao sistema de saúde, a alocação em seu território do lixo trazido do Município do Rio de Janeiro, que é despejado no Aterro Metropolitano do Jardim Gramacho, mais conhecido como “Lixão”, às margens da baía de Guanabara.

O Município de Duque de Caxias, como área periférica, insere-se numa região que sofreu um processo histórico de segregação. Tal segregação não se restringe apenas à ausência de políticas públicas, mas relaciona-se com um conjunto de múltiplas exclusões nos aspectos culturais, políticos, espaciais, ambientais e, é claro, sociais.

Retomando nosso tema sobre a violência doméstica contra as mulheres, vemos no final da década de oitenta, a implantação do clube de mães, com a participação da Igreja Católica e a Delegacia de Atendimento a Mulher (DEAM-Caxias), que, com base em dados do atendimento dessa DEAM, propõem um projeto para criar um Centro de Acolhida à Mulher em situação de Violência Doméstica. Esse projeto, no entanto, não foi viabilizado.

Dez anos depois, em 1998, a Igreja Católica de Duque de Caxias cria o Centro de Defesa da Vida-CDVida . A partir de então, o CDVida em Duque de Caxias, se torna o órgão articulador e mobilizador das questões relacionadas à violência doméstica contra a mulher.

Hoje, dentre as instituições que atendem às mulheres vítimas de violência doméstica em Duque de Caxias, temos a Delegacia de Atendimento a Mulher – DEAM; o Juizado Especial Criminal - JECRIM e o Centro de Defesa da Vida - CDVida.

4.1.2

O Centro de Defesa da Vida – CDVida

O Centro de Defesa da Vida - CDVida, localizado no Município de Duque e Caxias, é um Projeto da ASPAS (Ação Social Paulo VI), ligado à Igreja Católica

da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti. Iniciou seus trabalhos em agosto de 1998, gestado e implantado por duas assistentes sociais.

Atua na área de garantia de direitos da mulher, na questão de gênero e violência doméstica. Inserido nas comunidades, busca agir diretamente na prevenção da violência, através de seus projetos, articulando-se com instituições e movimentos sociais no sentido de exigir do Estado a criação e implementação de políticas públicas voltadas para as mulheres.

Através de projetos específicos, O CDVida desenvolve as seguintes atividades:

- Cursos de formação para lideranças comunitárias – Agentes Comunitários de Cidadania. Esses agentes irão atuar na prevenção, identificação, apoio e encaminhamento de mulheres que vivem conflitos de relações e na organização de eventos e atividades nas comunidades.

- Grupos de Produção -Formação para um trabalho coletivo e colocação de produtos com qualidade no mercado, despertando nas mulheres a consciência de seu valor e de seus direitos, assumindo e dando nova direção a suas vidas.

- Articulação com instituições e movimentos sociais - visando à construção de rede de apoio, participação em seminários, fóruns e debates.

- Atendimento de recepção-triagem: entrevista, acompanhamento, orientação social, visita domiciliar e encaminhamentos necessários, bem como oficinas de auto-estima para mulheres.

O CDVida já promoveu, em parceria com outras instituições de Duque de Caxias, além de encontros e palestras, dois Seminários de Políticas Públicas para Mulheres em Situação de Violência Doméstica e vem participando, através da inserção de seus profissionais no Fórum Popular de Discussão dos Direitos da Mulher da implantação do Conselho Municipal de Direitos da Mulher em Duque de Caxias.

4.2

A Pesquisa

A pesquisa foi realizada entre os meses de agosto e setembro de 2004. Primeiramente, consultamos as fichas utilizadas pela equipe técnica do CDVida no atendimento às mulheres, obtendo dessa forma, dados de todos os atendimentos realizados no primeiro semestre de 2003, num total de 60 mulheres. Esse recorte temporal teve como objetivo identificar, dentre essas mulheres, aquelas que estivessem em acompanhamento no CDVida há pelo menos um ano. Entendemos que tal período de atendimento sistemático, pela equipe técnica, já estaria dando oportunidade às mulheres para uma reflexão sobre a relação violenta, os motivos que as levaram a procurar ajuda, bem como as dificuldades e mudanças ocorridas a partir do rompimento do silêncio que detonou o processo de ruptura. Tal fato nos facilitou a aproximação com as usuárias, bem como o diálogo e a obtenção de informações sobre o processo.

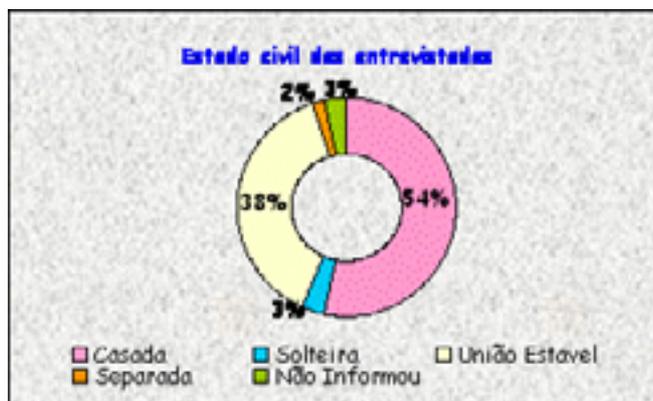
A consulta às 60 fichas de atendimento nos possibilitou traçar o perfil sócio-demográfico das mulheres que nos revelou os seguintes dados:

- Distribuição dos atendimentos segundo o estado civil das mulheres:

Tabela 1

Estado Civil	nºEntrev	%
Casada	32	54%
Solteira	2	3%
União Estável	23	38%
Separada	1	2%
Não Informou	2	3%
Total	60	100%

Gráfico 1



Os dados apresentados na tabela nº 1 apontam que 92% das mulheres entrevistadas eram casadas ou estavam dentro de uma união estável. Estas mulheres ao serem ouvidas, relataram situações de violência por parte de seus parceiros.

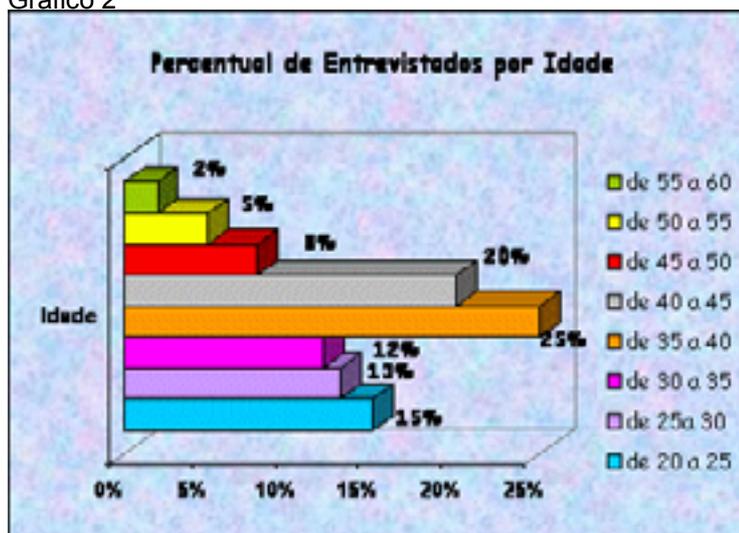
Esses dados coincidem com a pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo no ano de 2001, quando foram entrevistadas um total de 2502 mulheres com mais de 15 anos e que apontaram o marido ou parceiro, como principal agressor. Ainda o DataSenado, (setor de pesquisa de opinião pública do Senado Federal), em pesquisa telefônica realizada recentemente, em 27 capitais brasileiras, aponta que das mulheres ouvidas que reconheceram já terem sofrido violência doméstica, 66% responderam ser o marido/companheiro o autor da agressão. Esses dados ratificam os da OMS, segundo os quais, metade dos crimes cometidos contra a mulher, em todo o mundo, é de autoria dos maridos e subsidiam nossa pesquisa, já que tratamos no presente trabalho da violência entre parceiros íntimos.

Distribuição dos atendimentos segundo a faixa etária das mulheres:

Tabela 2

Idade	nº entrev	%
20 a 25	9	15%
25a 30	8	13%
30 a 35	7	12%
35 a 40	15	25%
40 a 45	12	20%
45 a 50	5	8%
50 a 55	3	5%
55 a 60	1	2%
TOTAL	60	100%

Gráfico 2



Ao prosseguirmos a análise dos dados da pesquisa, constatamos que o maior percentual de mulheres que procuraram o CDVida no primeiro semestre de 2003

encontrava-se na faixa etária de 35 a 40 anos- 25%. Logo após, vem o grupo de mulheres entre 40 a 50 anos – 20%, ou seja, 45% das mulheres estavam na faixa etária de 35 a 45 anos.(Tabela 2).

Distribuição das mulheres em relação ao tempo de união:

Tabela 3

Tempo de União	Nº.Entrev.	%
menos de 1 ano	3	5%
de 1 a 5 anos	9	15%
de 6 a 10 anos	13	22%
de 11a 20 anos	17	28%
mais de 21 anos	13	22%
Não Informou	5	8%
Total	60	100%

Gráfico 3



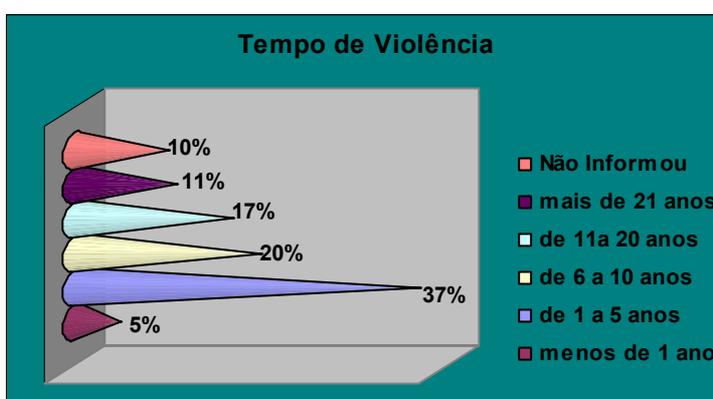
Em relação ao tempo de união (tabela 3), o maior numero de mulheres encontrava-se na faixa de 11 a 20 anos de vida em comum – 28%. Somando-se àquelas que possuem mais de 21 anos de vida em comum - 22%, temos um percentual de 50% de mulheres com mais de 11 anos de vida em comum e que estavam vivenciando situações de violência.

Distribuição das mulheres em relação ao tempo que sofrem violência:

Tabela 4

Tempo Violência	Nº Entrv.	%
menos de 1 ano	3	5%
de 1 a 5 anos	21	37%
de 6 a 10 anos	12	20%
de 11a 20 anos	10	17%
mais de 20 anos	7	11%
Não Informou	6	10%
Total	60	100%

Gráfico 4



Ao compararmos os dados da tabela 3 com os dados da tabela 4, vemos que somando o percentual das mulheres que sofrem violência por um período de 11 a

20 anos - 17%, com aquelas que sofrem violência há mais de 21 anos – 11%, temos um total de 28% ou seja 17 mulheres. Comparando esses dados com a tabela anterior, (tabela 3) vemos que mais da metade das 30 mulheres que vivem maritalmente há mais de 11 anos vivenciavam a violência por igual período.

Apesar desse dado preocupante, um outro nos chama atenção, apontando para algumas mudanças. Na tabela 4, o maior percentual de mulheres que procuraram a instituição em que realizamos a pesquisa, encontrava-se em situação de violência entre 1 e 5 anos -37%, sugerindo que elas estão denunciando mais, ou “suportando” menos e procurando mais cedo por ajuda.

- Distribuição das mulheres em relação ao tipo de violência:

Tabela 5

Tipo de Violência	Nº Ent.	%
Física/Psicológica	21	35%
Física/Psicológica/Sexual	24	40%
Psicológica	8	13%
Psicológica/Sexual	4	7%
Física	2	3%
Não Informou	1	2%
Total	60	100%

Gráfico 5



Em relação ao tipo de violência (tabela 5), os dados da pesquisa revelam que a violência física dificilmente acontece sozinha, o que ocorre em apenas 3% dos casos. O maior percentual evidenciado foi de casos em que acontecem os três tipos de agressões: física/psicológica/ sexual – 40% dos casos, ou de agressões físicas e psicológicas – 35% dos casos. Esses dados não divergem do que já foi

colocado nas diversas publicações sobre o tema e coincidem com os citados pelo Relatório da Organização Mundial de Saúde (2002, p.91), ao referir-se que pesquisas realizadas no Japão, dentre 613 mulheres que sofreram abuso, 75% sofreram os três tipos de abuso. Menos de 10% vivenciaram apenas abuso físico. Da mesma forma, o relatório apresenta que, em Monterrey, no México, 52% das mulheres agredidas fisicamente também foram vítimas de abuso sexual pelos seus companheiros.

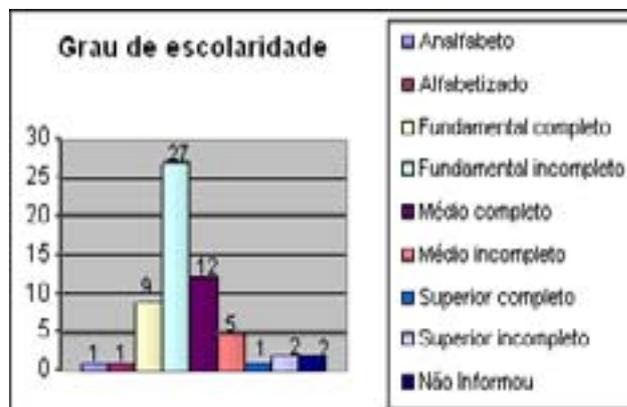
Em relação à violência sexual exclusivamente, não foi revelada nenhuma queixa por parte das nossas entrevistadas. O Ministério da Justiça, em seu Relatório final da Pesquisa Nacional sobre as Condições de Funcionamento de Delegacias Especializadas no Atendimento às Mulheres, publicado no ano de 2002, revela que a maioria esmagadora dos dados aponta a maior ocorrência e visibilidade das violências físicas, tipificadas criminalmente por lesões corporais, seguidas pelas violências psicológicas, principalmente ameaça, difamação e injúria. A violência sexual, especialmente a coerção e/ou violência sexual praticada por parceiro íntimo no âmbito privado, está pouco evidenciada ou inexistente nas estatísticas disponíveis: “é praticamente impossível desvendar, nos dados estatísticos, situações de estupro conjugal, porque elas estão escondidas em outros itens, como o de lesões corporais” (p. 48). Ainda no campo da violência sexual doméstica, em um estudo nacional pioneiro, baseado em 3.193 entrevistas com usuárias de 19 serviços de saúde, encontramos: “40% das mulheres entrevistadas declararam violência física, exclusiva ou conjugada com a forma sexual, cometida pelo parceiro atual ou anterior; 5% relataram casos exclusivos de violência sexual. A violência sexual, portanto, ocorre sobretudo associada à violência física”. (Schraiber, 2002, p. 2)

- Distribuição das mulheres em relação ao grau de escolaridade:

Tabela 6

Grau de instrução	n°ent	%
Analfabeto	1	2%
Alfabetizado	1	2%
Fund. completo	9	15%
Fund. incompleto	27	45%
Médio completo	12	20%
Médio incompleto	5	8%
Superior completo	1	2%
Superior incompleto	2	3%
Não Informou	2	3%
Total	60	100%

Gráfico 6



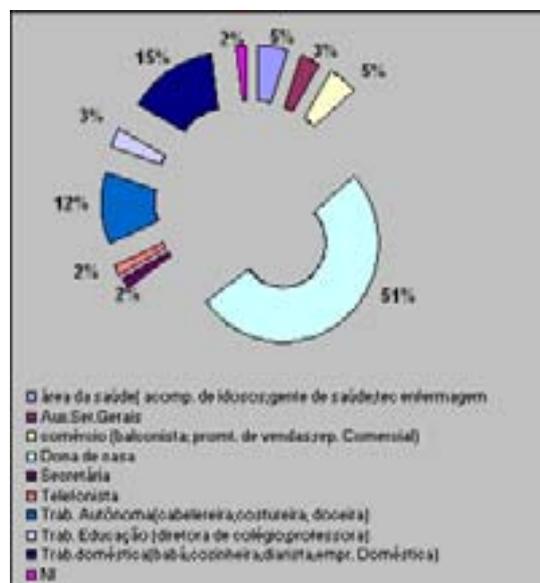
Uma das grandes conquistas das mulheres ao longo do século XX foi o acesso à educação. Dados recentes sobre a escolarização da população brasileira, apontam para o fato de que atualmente as mulheres são mais escolarizadas que os homens. No entanto, no universo que pesquisamos, a maior parte das mulheres entrevistadas - 45%, possuem apenas o ensino fundamental incompleto. Tal fato pode ser avaliado como uma dificuldade para o ingresso no mercado de trabalho, cada vez mais competitivo e qualificado, o que podemos constatar na tabela abaixo sobre a inserção profissional dessas mulheres (tabela 7)

Distribuição das mulheres em relação a atividade profissional:

Tabela: 7

PROFISSÃO	nº	%
área da saúde(acomp. de idosos;agente de saúde tec enfermagem	3	5,0%
Aux.Ser.Gerais	2	3,3%
comércio (balconista; promt. de vendas;rep. Comercial)	3	5,0%
Dona de casa	31	52,0%
Secretária	1	1,6%
Telefonista	1	1,6%
Trab. Autônoma (cabelereira,costureira, doceira)	7	11,6%
Trab. Educação (diretora de colégio,professora)	2	3,3%
Trab.doméstica(babá,cozinheira , diarista,empr. doméstica)	9	15,0%
NI	1	1,6%
Total	60	100,0%

Gráfico 7



A tabela 7 nos aponta para a persistência da subalternidade da mulher no tipo de atividade que exerce, onde as atividades tidas como próprias da sua natureza ou nos setores de serviços estão mais presentes, demarcando dessa forma a desvalorização das atividades exercidas por essas mulheres, com a conseqüente diferenciação dos níveis salariais sempre mais baixo do que dos homens.

Esses dados revelam ainda que 52% das mulheres se declararam como exercendo a atividade de dona de casa. Segundo os Anais da 1ª Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres (2004), mais da metade das mulheres brasileiras está fora do circuito da mercadoria são donas de casa. Ou seja, a maioria das mulheres possui baixa escolaridade e nenhuma qualificação profissional especializada.

Além das dificuldades enfrentadas por toda a população brasileira, homens e mulheres, em relação aos rendimentos e onde todos os trabalhadores empobreceram, não podemos desconsiderar que as mulheres continuam recebendo menores salários que os homens e as dificuldades para arranjar emprego ainda

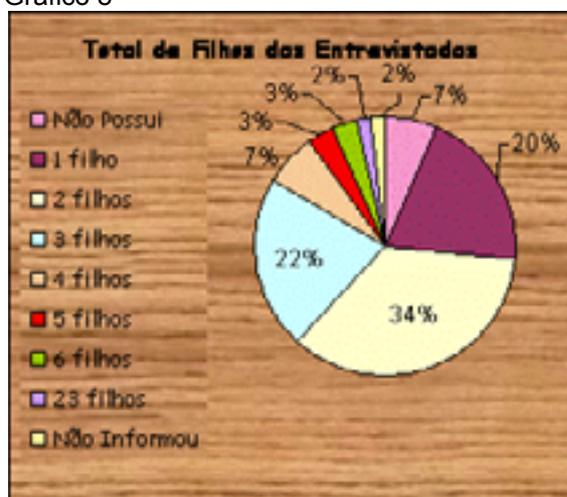
são acrescida pelo impedimento de conciliarem o trabalho fora de casa com a tarefa de cuidarem dos filhos, uma vez que continuam sendo a maior responsável pela educação e cuidado de sua prole e não terem disponíveis creches para deixar os filhos no horário do trabalho.

- Distribuição das mulheres, segundo o numero de filhos:

Tabela 8

Nº de Filhos	Nº entrev.	%
Não Possui	4	7%
1 filho	12	20%
2 filhos	21	34%
3 filhos	13	22%
4 filhos	4	7%
5 filhos	2	3%
6 filhos	2	3%
23 filhos	1	2%
Não Informou	1	2%
Total	60	100%

Gráfico 8



Um dado interessante nos é revelado em relação ao número de filhos (tabela 8), revelando o maior percentual de mulheres com dois filhos – 34%. Somando-se àquelas que possuem apenas um filho – 12% e as que possuem três filhos – 22%, temos o percentual de 76% de mulheres com apenas três filhos ou menos. Esse poderia ser um dado positivo, sugerindo que as mulheres estariam tendo algum tipo de esclarecimento, em relação aos métodos anticoncepcionais, ou/e ainda, acesso aos mesmos na rede pública de saúde. No entanto, na nossa pesquisa, não aprofundamos a questão e carecemos, portanto, de dados para uma análise nesse sentido.

4.3

A fala das mulheres

A consulta ao arquivo do CDVida, sobre os atendimentos realizados no período já citado anteriormente, revelou que entre as 60 mulheres atendidas, havia um considerável número daquelas que vivenciaram a experiência de violência doméstica durante mais de dez anos e só após esse período procuraram ajuda. Dentre essas, 13 mulheres viviam com seus companheiros há mais de 21 anos, sendo que 7, declararam sofrer violência há mais de 21 anos. Ou seja, uma vida conjugal inteira em situação de violência.

Tal realidade nos levou a construir as seguintes suposições: - muitas mulheres vítimas de violência em seus lares, não se reconhecem como tal, ou seja, existe uma falta de percepção enquanto vítimas; - o medo de sofrerem represália dos agressores contribui para que mantenham em segredo as agressões sofridas; - os serviços que atendem as mulheres em situação de violência são pouco divulgados; - essas mulheres são vítimas ainda de um outro tipo de violência que poderíamos chamar de estrutural e que se refere à maneira como a sociedade está organizada, não oferecendo e até dificultando, condições para que alcancem sua autonomia.

Por dificuldade de acesso a todas as 60 mulheres, uma vez que a maioria não se encontrava mais em atendimento, buscamos aquelas que permaneciam sendo atendidas pela equipe do CDVida na época da pesquisa, totalizando o quantitativo de 6 mulheres. O fato de apenas 6 mulheres ainda estarem comparecendo à instituição para prosseguir no atendimento, é um indicativo da complexidade da questão - violência doméstica - e como é difícil a tomada de decisão em buscar ajuda e manter o propósito de romper com seu ciclo de vitimização, o que reforça nossa proposta inicial de entender esse processo.

O perfil dessas seis mulheres que escolhemos entrevistar não se distanciou daquele do grupo inicial. Dentre essas, conseguimos entrevistar cinco, pois uma delas, apesar de termos contactado várias vezes por telefone, não compareceu às entrevistas marcadas, desculpando-se sempre pela falta de tempo. Em reunião com a equipe da instituição, fomos informadas de que essa mulher vinha apresentando resistência também em prosseguir no atendimento com a equipe

técnica, o que mais uma vez vem reforçar a tese do quão é difícil o rompimento com a situação de violência, uma vez que essa mulher encontrava-se há 21 anos vivenciando esse tipo de situação.

Utilizando a técnica de entrevista semi-estruturada, com base no roteiro preestabelecido, objetivando apreender a percepção das mulheres sobre a situação de violência experimentada, realizamos as entrevistas no segundo semestre de 2004 com as cinco mulheres que ainda se encontravam em atendimento e que aceitaram participar da pesquisa. Identificamos através da escuta dessas mulheres, questões presentes nos estudos apresentados por vários autores e que subsidiam nossas suposições. Buscando preservar a identidade das entrevistadas, optamos por identificá-las através de números, seguindo a ordem da realização das entrevistas conforme apresentamos a seguir:

- Entrevistada 1: Mulher negra de 34 anos, possui 4 filhos com idades de 13, 12, 08 e 4 anos. Vive em união estável há 15 anos e possui o ensino fundamental completo. É dona de casa.
- Entrevistada 2: Mulher branca de 39 anos, possui 3 filhas de 14, 11 e 10 anos de idade. Vive em união estável há 18 anos. Possui o ensino médio incompleto e trabalha como diarista.
- Entrevistada 3: Mulher branca de 25 anos, possui 4 filhos. Vive em união estável há 5 anos com o atual companheiro e possuem 3 filhos, de 5 e 3 anos, o mais novo está com 5 meses. Possui uma filha de 7 anos do primeiro relacionamento, que reside em sua companhia. Possui o ensino fundamental incompleto e é dona de casa.
- Entrevistada 4: Mulher negra de 35 anos, possui um filho de 9 anos do primeiro relacionamento, que vive com a avó paterna. Vive em união estável há 5 anos. Possui o ensino fundamental completo. É professora, mas no momento trabalha como acompanhante de uma senhora idosa.
- Entrevistada 5: Mulher parda de 36 anos. Possui uma filha de 16 anos do primeiro companheiro que reside com a avó materna. Há um ano e sete meses, mantém um relacionamento tumultuado com o agressor. Possui o ensino fundamental completo e trabalha com representante comercial.

O roteiro das entrevistas foi utilizado exclusivamente em sua função

norteadora, permitindo que as entrevistadas falassem livremente de suas experiências, e foi constituído da seguinte maneira: 1 - o que você atribui como motivo para as agressões sofridas? 2 - Qual o fato que desencadeia as agressões? 3 - o que a motivou dar um basta e procurar ajuda? 4 - que outras pessoas o agressor também agride dentro do universo familiar? 5 - o agressor falou em algum momento ter sido vítima de violência? 6 - seus pais relataram ter sofrido algum tipo de violência? 7 - o que considera como consequência da violência sofrida? 8 - que pessoas ou serviços procurou antes de chegar ao CDVida e como foi o atendimento? 9 - o que esperava ao se dirigir ao CDVida? 10 – como foi o atendimento e o que mudou a partir do atendimento?

É importante ressaltar que embora seja pequeno o número de entrevistadas em relação ao universo de mulheres vítimas de violência, trata-se de uma pesquisa qualitativa, que não pretende fazer generalizações.

Os relatos que colhemos nos permitiram identificar situações concretas, que exemplificam o que vem sendo apontado por especialistas como questões que permeiam a violência doméstica, e nos trazem a percepção do muito que ainda deverá ser conquistado para que a mulher possa exercer plenamente seus direitos.

Ao questionarmos as mulheres sobre a vivência experimentada em relação à violência doméstica ficou muito clara a dificuldade das mesmas em analisarem os sentimentos e perceberem os contornos da violência, respondendo evasivamente às questões que apresentávamos. Sendo assim, estabelecemos três eixos de análise para tentarmos compreender o fenômeno: 1 - a percepção da violência; 2 - as consequências; 3 - o processo de ruptura.

4.3.1

A percepção sobre a violência

Segundo Bárbara Soares (1998, p.293)

“Saber-se vítima implica reconhecer os sentimentos que a violência legitimamente provoca e aqueles gerados pelo medo de uma nova vida, fora da relação violenta.”

É importante lembrar que o mesmo acontecimento pode ser considerado

normal por uma mulher e agressivo por outra, sendo assim, nas questões que apresentamos às entrevistadas, dentro desse eixo de análise, procuramos provocar nas mulheres a lembrança do fato no momento em que ocorreu, afim de que as mesmas tivessem maior clareza do fenômeno ao lidar com situações concretas.

Analisamos as respostas dadas às seguintes questões:

- O que você atribui como motivo para as agressões sofridas?; - Qual o fato que desencadeia as agressões? - A quem mais o agressor dirige a violência?

Entrevistada 1-

“É o jeito dele. Ele tenta mudar, só que não consegue. É mais forte que ele, está muito bem dentro de casa e não sei o que é que dá nele e começa a gritar com aquela ignorância, a gritar, tudo com ele é gritando e aquilo dá um nervoso porque eu não agüento mais os gritos dele sem precisar. (...) Houve somente uma vez que ele quis me agredir com uma barra de ferro(...). Estava vendo televisão e assistindo um artista que admiro muito, acho bonito.(...) nunca falei sobre isso com medo, mas ele sabe disso e mudou de canal. Retornei para o canal e ele tornou a mudar.(...) Eu pensei, quem gosta de televisão são as crianças e fui para o quintal. Ele foi atrás discutindo, eu disse que não queria discussão. Ele ficou irritado, cercando em volta da piscina (...) arrancou o pé da piscina e partiu pra cima de mim. (...)Ele me maltrata, mas não admite que ninguém fale um A, pra mim(...). Eu não posso ir numa praça com meus filhos, conversar com uma colega.(...)Ninguém presta. Se pára alguém no meu portão pra conversar, ele difama na hora.(...)Ele fala, eu não te maltrato, alguma vez eu já te encostei a mão? Eu falo, não é porque você não me encostou a mão que você não me maltrata. Eu não posso falar com ninguém, ou é vagabunda ou é piranha ou é safada ou vai me levar pro mau caminho e idem os meninos que vão conversar com os meus meninos.(...) Em relação às crianças ele agora está bem melhor, já bateu muito, hoje em dia não bate mais. Eu assisto um programam na televisão que fala muito de como se deve tratar a família. Eu converso com ele.(...) Ele não confia em mim.(...) Ele fala que eu não presto.(...) Ele queria que eu saísse de dentro da minha casa, eu falei eu vou pra dentro da casa dos outros de novo, como muitas vezes eu já vivi?(...) Já fui muito desprezada, humilhada, maltratada.

Entrevistada 2-

“Ele trabalhava, aí ele parou de trabalhar e ficou em casa. O meu problema era assim.. Se você pode mudar de vida, porque eu não. Eu sempre quis ter uma casa minha. Eu nunca quis me conformar. Eu posso ter um ar condicionado, eu trabalho pra isso, então eu mereço isso. Então o nosso problema maior foi esse. (...) Eu comecei a fazer cursos. Comecei a trabalhar ‘com comida’. Trabalhando com comida consegui muito conhecimento. Eu conheço muita gente. A minha filha conseguiu bolsa integral por causa do conhecimento. É por ela também, por esforço dela.Quando coloquei elas para fazerem esporte, ele disse que eu queria me mostrar. (...) Sempre vai ter desentendimento, sempre por esse motivo. E a família dele também. Na minha frente é a meu favor, por trás de mim...Ah, você tem que se conformar com isso(...). Quando fomos construir a minha casa, sempre quis ter uma casa , sou eu que vou morar lá dentro, sou eu que vou passar mais tempo lá dentro(..) se posso colocar uma janela de alumínio agora, porque vou colocar uma de ferro pra depois trocar. (...) então houve esse problema, houve.

Ao insistirmos em saber como foi que aconteceram as agressões, ela declarou:

“As agressões foram acontecendo, acontecendo e aumentando aos poucos e agora por ultimo estava demais. A primeira foi um chute que ele me deu.(..) foi a partir de uns seis anos que veio aumentando.(..) Muitas vezes ele queria ter relações e eu não. Ele me agredia dizendo que tinha homem na rua. Uma vez quis fazer uma coisa diferente comigo. Disse que fizesse com as mulheres da rua, que me respeitasse. Ai as agressões aconteciam.(..) Ele nunca foi de bater nas filhas, eu sempre fui mais enérgica. (...)Muitas vezes ele era omissivo e tentava passar a imagem de ‘pai bonzinho’(..) era ciumento das filhas, até possessivo(..) mas uma vez deu um tapa na J... que ficou com o olho roxo uma semana e falou palavras pesadas para a S... que a deixou muito magoada, ela nunca esqueceu(...)

Entrevistada 3:

“Acho que é o gênio dele que não pode ser contrariado e eu, não tem jeito , discordo mesmo. É o meu jeito e aí, falo mesmo(...) Ele é agressivo com todo mundo, menos com as crianças. Eu nunca admiti que ele batesse nas crianças, mas ficava gritando e berrando e empurrando(...) As agressões eram mais em me diminuir, falava muita ‘besteira’ e menosprezava (...) A primeira vez aconteceu porque ele estava desempregado e eu trabalhava com minha cunhada, no ramo de compra e venda de celulares e não tinha hora pra chegar em casa, foi uma época de Natal(...), quando cheguei, ele falou alto, eu falei mais alto ainda e acabou acontecendo a agressão(...) Ele tentou me enforçar no banheiro(...).As agressões físicas sempre existiram, ele me enforcava, dava tapas, mas não de pegar e bater pra machucar(...).Quando ele me bateu ‘de verdade’ fui na DEAM.(...)”

Entrevistada 4:

“Antes eu não via algumas coisas como violência, como ele quebrar o ventilador. Porque eu chamei ele de burro, ele jogou o ventilador longe. Hoje eu considero violência. (...) Quando ele me agredia, ele ficava transtornado. Era sempre alguma coisa que eu falava. (...) Muitas vezes ele tentava me enforçar, mas me soltava. Da última vez ele tentou me enforçar, me enforçar e eu pedi muito a Deus que afrouxasse a mão dele e aí ele foi afrouxando, abriu a mão e saiu do quarto.(...) Sempre pedia que eu sumisse da frente dele. É sempre alguma coisa que eu falo que deixa ofendido e ele fica violento.Por isso eu sempre me sentia culpada. As vezes alguma coisa tão pequena (...).”

Entrevistada 5:

“Ele é uma pessoa realmente problemática. É mais do que eu. Já vem desde berço, desde a concepção dele. Tem uma história de vida muito complicada. (...)A mãe dele era casada(...). Separou do marido e conheceu uma pessoa, aí engravidou dessa pessoa e depois voltou pro marido. (...) Ele conheceu o pai dele quando tinha 22 anos.(...) Eu acho que já vem desde a formação dele.(...). A mãe dele deve ter rejeitado ele. Ele briga com a mãe, briga com a ex-mulher, briga com os filhos com os irmãos. Briga com os amigos, briga comigo(...) o que me incomoda na relação é o fato de estarmos bem, eu achar que esta tudo bem, se encaminhando e ele arruma um problema e some e me trata mal ‘do nada’, sem eu ter feito nada. (...).”

Segundo o Relatório da Organização Mundial de Saúde (2002), existe um aumento recente de interesse dos pesquisadores em explorar as situações que se

identificam como facilitadores da violência doméstica contra as mulheres, existindo um consenso entre a interação de múltiplos fatores, como os fatores pessoais, situacionais, sociais e culturais. Para Soares (1999), esses fatores são: fatores sociais, psicológicos, idiossincráticos e culturais, já explicitados por nós no capítulo anterior. O Relatório da OMS, embora argumentando que as informações apresentadas devem ser vistas como incompletas, uma vez que se baseiam em dados passíveis de aprofundamento por não existirem estudos conclusivos a respeito, classifica esses fatores em:

- fatores individuais: idade, excesso de bebida, depressão, distúrbios da personalidade, baixo rendimento acadêmico, baixa renda, o fato de ter testemunhado ou vivenciado a violência quando criança.

- fatores relacionais: conflito no casamento, instabilidade no casamento, domínio masculino na família, estresse econômico, vida familiar precária.

- fatores comunitários: fracas sanções comunitárias em relação à violência doméstica, pobreza, baixo capital social.

- fatores sociais: normas tradicionais de gênero, normas sociais que apóiam a violência.

Em pesquisa encomendada pelo Instituto Patrícia Galvão, realizada em setembro de 2004 pelo IBOPE, ao se indagar quais os fatores que mais provocam a agressão dos homens contra as mulheres, foi apontado por 81% dos entrevistados o uso de bebidas alcoólicas em primeiro lugar, seguido de 63% que apontaram o ciúme.

Nas entrevistas que realizamos, pudemos identificar alguns desses fatores. No entanto, é importante ressaltarmos que, três das entrevistadas vêm a violência, como parte intrínseca do companheiro, uma característica de sua personalidade.

Chamamos a atenção para o fato de uma das cinco entrevistadas colocar-se como culpada pelas atitudes violentas do companheiro. Tal fato vem confirmar o comportamento de algumas mulheres, citado por muitos autores. Como conseqüência do ciclo da violência doméstica, ela se sente responsável pelos atos do marido, desenvolvendo um processo de auto-acusação e culpa. Vale lembrar

que esse ciclo é caracterizado por três fases e que na terceira fase o marido mostra-se arrependido e amoroso. Tal comportamento sedutor leva a mulher a achar que na verdade “ele é um bom homem, só estava nervoso” na hora da agressão.

Uma outra mulher coloca na relação conflituosa, devido à divergência de opiniões, a causa para a violência. Nenhuma delas culpou um agente externo pela violência.

Interessante percebermos que os fatos que desencadearam a violência foram sempre os desagradados ao homem. Qualquer ato de desobediência ou contrariedade a sua ordem, sua determinação, ameaçando o seu papel de macho da espécie, aquele que manda e dirige a vida da família, leva à violência. Na maioria das vezes, mesmo desempregado, quando a mulher arca com as despesas da casa ou divide as mesmas, o homem não quer dividir o poder. Segundo Almeida,(1998, p.88), Saffioti expressa tal situação, da seguinte forma

“...o macho demarca seu território e nele é soberano, podendo punir mulher e filhos(...). No papel de patriarca, cabe-lhe a função de enquadramento, de domesticação das pessoas que vivem naquele espaço, segundo a lei do pai (...)” .

Voltando à percepção da violência por parte das entrevistadas 1, 3 e 5, ressaltamos o perigo da naturalização da violência, já que entendida como algo que faz parte do “jeito dele”. É como dizer “não tem mais jeito”, será sempre assim. Essa posição frente à situação de violência pode levar a um conformismo e a uma acomodação, dificultando a interrupção do ciclo da violência.

Lembremos ainda que mesmo que se interrompam as agressões através da separação do casal, esse homem que “não tem mais jeito”, poderá voltar a agredir outra mulher, numa outra relação, “do mesmo jeito”. Nesse sentido, concordamos com aqueles que, ao trabalharem a violência doméstica contra a mulher, ressaltam a importância do trabalho concomitante com o agressor, mesmo que por um outro serviço de atendimento, pois na luta contra a violência, é necessário considerar-se todos os sujeitos envolvidos.

Em relação ao tipo de violência, constatamos ainda através dos relatos que a violência física em grande parte vem acompanhada de outras modalidades, como a violência psicológica e sexual, corroborando dessa maneira com os vários estudos sobre a temática e não divergindo do grupo de 60 mulheres em que

levantamos o perfil sócio-demográfico. Apenas uma das entrevistadas relata exclusivamente a violência física, justamente aquela que coloca como sendo suas provocações, as causadoras das agressões. Talvez por se sentir tão culpada, não consiga perceber as outras formas de violência.

Ainda em relação à maneira como acontece a violência, a entrevistada 2 relata que as agressões foram crescendo gradativamente, aumentando de intensidade e de frequência. Tal afirmação vai ao encontro das palavras de Saffioti, que, embora concordando que a violência doméstica tem seu ciclo, diz: “É mais adequada a percepção de que a violência contra mulheres desenvolve-se em escalada” (Saffioti, 2004, p.62). A observação é pertinente, pois muitas vezes ao não se dar a devida importância aos episódios iniciais de agressões entre os casais, as mesmas vão aumentando de intensidade levando muitas vezes à hospitalização das vítimas e até a morte.

4.3.2

As conseqüências:

Nesse eixo de análise agrupamos as respostas dadas a seguinte questão: Quais as conseqüências da violência sofrida, tanto para a mulher como para as outras pessoas da família?

Entrevistada 1:

Ainda tenho medo dele, mas não como antes. (...)Um dos meus filhos está mais agressivo.(...) já bebi muito, de rolar no chão, mas agora estou fazendo tratamento, mesmo assim sempre peço para ele comprar vinho e bebo escondido, quando ele vai trabalhar. Ele trabalha a noite.(...) uma vez eu sai de casa, assim andando. Queria fugir dele. Eu não agüentava mais aquela situação. Ele me chamava de burra, horrível. Falava que eu era feia. (...) a minha família é toda alcoólatra. Eu já bebi muito também. Saía rolando pela rua com a minha mãe... coitada. Eu caía bêbada no chão. Agora estou tentando fazer tratamento, porque eu não quero continuar bebendo.(...) Já bebi muito limão, cachaça pura com açúcar, mas agora é mais vinho, mas eu quero parar, porque minha mãe era uma alcoólatra, minha irmã bebia até álcool (...).Tenho bebido muito.

Indagamos se o marido também bebe e ela respondeu:

Bebe, mas bem pouco. Às vezes ele bebe por causa de mim.(...) Eu vivo pedindo a ele pra comprar, só que aí eu compro, enquanto não acaba eu não sossego, quero beber, enquanto não acaba, me dá vontade de beber.(...)

Entrevistada 2:

“Eu perdi serviço por causa dele. Muitas vezes ele foi ao meu trabalho fazer escândalo e eu ficava muito envergonhada e humilhada na frente dos colegas. Minhas duas filhas mais velhas estão com raiva do pai. A menina mais nova ele fez a cabeça e está morando com ele. Disse até que eu bati nela. Ele está comprando ela.”

Entrevistada 3:

“Depois que comecei a sofrer violência me senti mais fragilizada, com medo, me sentia acuada dentro de casa. Da primeira vez, falei: não isso não está acontecendo comigo, é mentira. Me senti um lixo(...) entrei numa depressão horrível, foi difícil sair dela. (...) Apesar de estar tratando da depressão com um médico, muitas vezes exagerei nas doses de remédio e fico até com vergonha(...) Uma vez nos separamos. Mesmo separada ele continuava me perturbando. Eu pensei que ia ficar louca.(...) Ficamos separados por dois anos. Ele arranhou outra mulher. Agora estamos numa fase de recomeço, estamos juntos há três meses. Mas meu casamento só vai durar até eu arranjar um emprego. Não que eu não goste mais dele, mas estou muito magoada.(...) Meus filhos sempre foram muito agarrados comigo e agora estão ainda mais. Quando me separei o do meio regrediu na fala e não dorme mais sozinho. Eles têm medo de ficar sozinhos com o pai.”

Entrevistada 4:

“É muita tristeza, as vezes não consigo nem ir até o portão. Fico trancada em casa. Não consigo nem cuidar dos cachorros que é como se fossem filhos pra mim.(...) Quando ele me agredia ele ficava assim transtornado e ele não queria nem me ver. Eu ficava mais triste ainda porque eu queria me aproximar dele. Eu tinha aquela necessidade de falar com alguém e era com ele mesmo que eu tinha que falar. As vezes eu pedia até pra que ele me abraçasse, cuidasse de mim, porque eu não tinha mais nada pra fazer.(...) Com ele nunca fiquei muito machucada não. As agressões dele eram bem fortes(...). Com a graça de Deus eu nunca consegui sair assim com muitas marcas. (...) Nas costas eram muito soco, nos braços. A última vez eu me preocupei um pouco, pois ele me enforcou e ‘tacava’ assim, minha cabeça na parede (...) eu pedi a Deus que abrisse a mão dele (...) aí a mão dele foi se abrindo e aí ele foi saindo do quarto. Sempre mandava que eu sumisse da frente dele(...) Hoje ele já não me agride mais, mas eu estou muito ferida muito magoada. Minha família nunca soube do que acontece, acham ele um amor(...). Ele trata muito bem meu filho do primeiro casamento. Ele só vem nas férias, mora com a avó paterna. Ela sempre cuidou bem dele, bem demais até.”

Entrevistada 5:

Ele consegue mexer com tudo, me desestruturar, mexe muito comigo. Eu não consigo dizer não pra ele. Ele me coloca pra baixo (...) Fica só me humilhando, humilhando, já sai do carro dele chorando(...). Ele diz que não sou boa vendedora. Consegue me deixar lá embaixo. Ele também é vendedor, trabalhou em grandes empresas, fez cursos. Eu acho que ele deve ser um bom vendedor.

No relato dessa mulher, podemos observar que o companheiro utiliza o poder

para minar sua auto-estima, colocá-la para baixo.

É Almeida (1998, p. 56) quem diz:

“(...) de acordo com a concepção foucaultiana, (...) o poder não é uma propriedade, mas um conjunto de estratégias, táticas, manobras acionadas, produzindo diversos pontos de tensão e de conflito.”

Na vida das entrevistadas, nem só as agressões físicas estão presentes, algumas relataram as pressões psicológicas que sofreram. Uma das mulheres relatou que mesmo no período em que estava separada o marido a “perturbava”. Uma outra, conta que o marido fez escândalo no seu trabalho e por isso perdeu o emprego. Esses são exemplos de que a violência entre parceiros íntimos pode extrapolar o espaço doméstico, e não pode ser pensada apenas em termos de seus limites geográficos. Muitas vezes o agressor acha-se no direito de humilhar a companheira, numa demonstração de exercício de poder e controle, mesmo ou ainda, quando ela se encontra exercendo um papel fora do lar, talvez temeroso da mulher adquirir a independência financeira e sair do seu domínio. Outras vezes não se conforma com o afastamento da companheira e persiste nas estratégias de aterrorizá-la mesmo de longe, sentindo-se ferido na sua supremacia masculina ao ser desafiado por ela quando resolveu romper a relação.

Em relação às conseqüências da violência física, estas apresentam-se na maioria das vezes na forma, de marcas, hematomas, ferimentos mais ou menos graves, porém a exemplo do que relatou a entrevistada 4, nem sempre as pessoas que estão em volta percebem esses sinais quando se apresentam na sua forma mais leve e pouco visível e a vergonha ou o medo impedem que a vítima relate o fato. Da mesma forma, a mulher quando procura um serviço de saúde, não expressa verbalmente a situação conflituosa que está vivendo, daí a importância da qualificação dos profissionais de saúde, para que estejam atentos as marcas e aos sinais pouco perceptíveis, com serviço qualificado e específico, documentando em fichas médicas, a história de violências atual e passadas na vida da mulher agredida, só assim se terá condições de prevenir futuras agressões e de se obter dados mais precisos para que se possa tomar medidas para prevenção coletiva, esclarecendo e dando apoio.

“(...) Uma resposta positiva por parte do profissional na acolhida à

estas mulheres, pode ajuda-la a dar um passo para terminar uma reação violenta. (...) nos países onde já existem estas políticas, os profissionais são treinados para aplicar um questionário às pacientes com suspeita de espancamento ou violência sexual. Isto permite uma intervenção mais cedo no caso, encaminhando-a para os serviços de apoio.”²

Ainda como consequência da violência, algumas entrevistadas relataram o comportamento dos filhos do casal.

Entrevistada 1:

“Um dos meus filhos está mais agressivo”.

Entrevistada 2:

“Minhas duas filhas mais velhas estão com raiva do pai.”

Entrevistada 3:

“Meus filhos sempre foram muito agarrados comigo e agora estão ainda mais. Quando me separei, o do meio regrediu na fala e não dorme mais sozinho. Eles têm medo de ficar sozinhos com o pai.”

4.3.3

O Processo de ruptura.

Segundo Suely de Almeida é a luta constante e desigual entre as tentativas de liberdade e de captura que permeia e torna tão particular a questão da violência doméstica.

“ enquanto a captura se faz em um longo espectro, envolvendo um conjunto complexo de relações sociais, as tentativas de liberdade constituem um movimento preponderantemente e inicialmente individual, em que diferentes estratégias não se tornam visíveis, por vezes nem mesmo são reconhecidas enquanto tais, e vão sendo cotidianamente minadas.” (p.48)

A autora chama a atenção para as dificuldades da mulher em romper com a violência, que não são apenas as suas dificuldades pessoais e que em grande parte foram criadas dentro da própria relação violenta e como consequência desta. Essas dificuldades se caracterizariam por um comportamento apático, um sentimento de impotência e baixa auto-estima, levando à acomodação e ao aprisionamento dentro da relação. Mas existem também aqueles mecanismos

² Braga, Violência Doméstica e Saúde Pública. Disponível no site. www.umaqualquer.cjb.met.

criados e presentes na/pela sociedade que dificultam/impedem a saída da relação. É a falta de resposta das instituições, que ignoram as denúncias, e não reconhecem o pedido de ajuda. São as pressões familiares e o senso comum que dizem “ruim com ele pior sem ele”.

As pesquisas revelam que o rompimento com a relação violenta é um processo e não um evento definitivo. Inclui períodos de negação, autculpabilização, perdão e muito sofrimento, até a mulher reconhecer a realidade do abuso e identificar-se com outras mulheres em situações semelhantes. O processo de ruptura se inicia no momento em que a mulher começa a falar sobre a violência com alguém. Ao fazer isso, a mulher revive os momentos de dor e sofrimento. Quando ela começa a expor sua dor, deixa uma janela aberta pra entrar a luz.

Sendo assim buscamos entender esse processo através das respostas dadas às questões agrupadas nesse eixo e análise, que são as seguintes: Quais os serviços ou pessoas que procurou antes de chegar até o CDVida? – O que esperava quando procurou o CDVida? - O que mudou, após o atendimento no CDVida?.

Entrevistada 1:

“Lá onde eu moro(...) os pessoal da REDUC estavam fazendo uma palestra(...) os meus meninos estavam no programa da REDUC(...). Eu fui numa reunião lá. Elas me chamaram pra freqüentar, aí eu disse que não podia, que meu marido era muito ciumento, que brigava(...).Aí fui em duas reuniões. Depois passou a ser lá perto de casa (...) Aí eu passei a freqüentar as palestras (...) , até a L...(técnica do CDVida), foi fazer junto e no último dia ela me convidou pra vir ao CDVida aí eu vim”.

Entrevistada 2

“Foi aí que minha filha entrou. (...) Foi onde eu vim parar aqui.Ela foi no Conselho Tutelar(...)Ela falou que queria ter direito a ter paz. Ela foi, eles me chamaram e aí me encaminharam(...) . Antes já tinha ido à Delegacia, mas não registraram a queixa”.

Entrevistada 3:

“Quando aconteceu a primeira agressão ‘de verdade’, no dia seguinte falei com minha mãe que ia à DEAM. Ele bateu feito num homem Ela não falou nem que sim nem que não.(...) Me senti um pouco mal em ir a delegacia pois ninguém foi comigo, nem falaram nada, nem conversaram comigo.(...) o policial não registrou a queixa,(...) deram um papel pra ele comparecer, mas ele não foi.(...) Na segunda agressão,fui à DEAM e exigi que registrassem a queixa e foi feito.No dia seguinte eu saí de casa”.

Entrevistada 4:

“Só conversava com uma amiga minha, assim mesmo só depois que ela foi descobrindo. Eu achava que era culpa minha e essa minha amiga com quem eu conversava ela também me culpava Do jeito dela ela pensando que podia me ajudar, ela dizia que quem tinha que mudar era eu. Que ele sempre foi ótimo, me deu a casa que eu queria morar, nas possibilidades dele(...) Num momento de muita tristeza de muita depressão, procurei no catálogo e liguei para uma DEAM. Não sei bem de onde. Pensei que podia falar com alguém. Eles me deram vários telefones. Um dele me orientou a procurar em Caxias o CDVida e me deram o telefone daqui”.

Entrevistada 5:

“Eu procurei uma psicóloga, mas saía caro”.

A pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, em 2001, aponta que a grande maioria das mulheres só pede ajuda nos casos em que ocorrem as agressões mais graves, como espancamentos com marcas, cortes ou fraturas, e normalmente o pedido de ajuda recai principalmente sobre outra mulher da família da vítima, irmã ou mãe, ou alguma amiga próxima, que normalmente não estão preparadas para encaminhar as questões apresentadas. Daí a importância de serem criados espaços de reflexão que possibilitem às mulheres a troca de experiências, onde possam colocar suas dificuldades e serem orientadas de forma adequada, antes das conseqüências serem agravadas e se tornarem um risco para sua vida. Nesse sentido, o CDVida tem contribuído com a sua metodologia de trabalho, conforme o relatado a seguir.

Ao serem indagadas sobre o que esperavam quando procuraram o CDVida e o que mudou a partir do atendimento, encontramos as respostas:

Entrevistada 1:

“Eu queria mudar. Não queria ser dependente dele . Eu dependo do meu marido pra tudo. As vezes eu tenho medo das coisas. Dependente pra sair na rua.(..) eu tenho esquecimento.(...) não sei o que me dá na minha cabeça(...).Eu tenho que tomar remédio,ontem eu fui na psicóloga ela falou porque você não está tomando os remédios?Aí eu vou passar agora no CEATA e vou marcar. Depois que eu entrei aqui, ele falou que eu mudei muito.(...) agora eu não conto nada pra ele, hoje quando meu marido pergunta o que eu converso no CDVida, eu digo que é coisa de mulher. Já saio de casa. Fui na praça com meus filhos ver um show, sei que não é nada demais”.

Entrevistada 2:

“Querida um apoio. Eu me sinto mais segura e com mais força. Sei que posso vir sempre aqui. Eles me orientaram, me encaminharam e estão junto comigo.”

Entrevistada 3:

“Querida um apoio, um alicerce. Estava me sentindo ameaçada sem chão, flutuando totalmente perdida.(...) Quando vim pra cá me senti melhor porque eu não gostava de falar tinha uma dificuldade muito grande de falar(...) depois do atendimento consegui me soltar mais(...) eu tinha vergonha de falar. Eu não acreditava, eu falava, isso não aconteceu. Minha auto estima aumentou demais melhorou muito.(eu não gostava de me arrumar de sair de casa. Minha relação com meus filhos melhorou muito.(...) Me ajudou primeiro a aceitar. (...) No grupo que recebe a gente quando a gente vem pela primeira vez, eu só ouvi e aqui eu vi que muita gente estavam passando ou tinha passado igual ou pior do que eu. Isso me ajudou muito.(...) Meu casamento vai durar até eu arranjar um emprego.A gente está ciente porque estamos juntos, tanto eu,como ele.”

Entrevistada 4:

“Quando cheguei no CDVida, eu queria que alguém me ajudasse a mudar Eu queria ser diferente, pra poder continuar a viver a minha vida. A minha vida assim pra mim era uma vida maravilhosa.(...) Eu não precisava trabalhar pra me sustentar. Ele me dava. Eu fazia ginástica, ia ao cinema.(...) Achava ele também maravilhoso. Se acontecia alguma coisa era porque eu falava alguma coisa com ele.”

Entrevistada 5:

“Estou mais forte.Ela vai me mostrando. Eu antes estava tão apaixonada, tão envolvida que estava cega. Hoje já não tenho mais aquela paixão. Mas ainda preciso melhorar muito Ele conseguiu acabar com isso.”

Segundo Almeida (1998), os processos de ruptura em situações de violência são permeados por jogos de sedução e afeto. A sedução por parte do agressor, que na maioria das vezes, quando percebe que a companheira está querendo a separação, se apresenta arrependido, diz que vai mudar que tudo vai ser diferente, acenando para a mulher com promessas de uma vida melhor. Este comportamento é característico da terceira fase do ciclo da violência. Já na segunda fase ou fase de explosão, onde aparecem as agressões mais graves, é que a mulher sentindo-se ferida fisicamente ou emocionalmente chega a um sentimento de que está no limite e que precisa fazer alguma coisa para se livrar daquela situação, é nessa fase que normalmente ela procura ajuda.

Esse é um processo complicado e difícil, até porque a mulher conhece todo o ciclo da violência e sabe que após essa fase virá “a lua de mel”, onde poderá até regatear e fazer pedidos, pois o companheiro estará disposto a atender seus caprichos. Sentindo-se arrependido, fará qualquer coisa que lhe dê a sensação de que está sendo perdoado e de que a mulher desistiu da queixa ou separação.

Quando a mulher começa a elaborar seu pensamento sobre a violência, questionando-a, ela abre a possibilidade para a ruptura. Nem sempre a denúncia

desencadeia o processo de ruptura, pois muitas vezes a mulher retira a queixa, porque na verdade ela ainda não entendeu o processo de vitimização. Ela esqueceu dos outros episódios de violência e ela denunciou movida por um sentimento de dor, por uma emoção, porém não por uma reflexão. Nesse momento é que a mulher precisa encontrar acolhida. Não só a escuta basta, mas também opções concretas que proporcionem o direito de escolha.

Segundo Almeida (1998, p.36)

“(…)há formas diferenciadas de ruptura, sendo a mais comum, a denominada ruptura evolutiva, que consiste em iniciativas tomadas pela mulher com vistas a por fim à relação violenta, mas que comumente não são definitivas.”

Isso acontece não só devido ao ciclo da violência doméstica, que já foi relatado por nós no capítulo anterior, como também pelas pressões colocadas à mulher, externas à relação. Essas são: a pressão familiar para preservar a relação; e pressão social, que, ao mesmo tempo em que cobra da mulher uma postura de decisão frente à violência, indagando por que mantém a relação e, no entanto, impõe “constrangimentos institucionais que obstaculizam a ruptura da relação violenta” (Almeida, 1999, p.37). Esses constrangimentos referem-se à maneira como são atendidas nas Delegacias de Mulheres, onde muitas vezes as denúncias sequer são registradas ou ainda nos serviços de saúde onde os sintomas são desconsiderados.

É necessário também levarmos em conta na análise dos motivos que levam as mulheres a permanecerem com seus parceiros violentos, a trajetória de vida de cada mulher, a maneira como ela viveu e escreveu sua história anterior à relação. É preciso que consideremos os sujeitos envolvidos na relação, em seu aspecto multifacetado. Cada sujeito da relação traz para dentro da mesma sua visão de mundo, suas fragilidades e suas carências e no caso das mulheres esses fatores interferem não só na maneira de entenderem/perceberem a relação de violência como também nas estratégias para seu enfrentamento.

A literatura nos aponta que as pessoas que trazem em sua trajetória de vida uma situação de violência tendem a repeti-la nas relações. Objetivando exemplificar o quanto os elementos externos e/ou anteriores a relação interferem na mesma, agravando as conseqüências e dificultando o processo de ruptura, optamos por aprofundar uma das entrevistas que realizamos e apresentamos a

seguir:

A Sra. AP é uma mulher negra de 34 anos, casada e com 4 filhos de 13, 12, 8 e 4 anos. Estudou até a 5º série do ensino fundamental. Declarou que na infância vivia um pouco na rua, um pouco na casa dos outros, um pouco com os pais, que eram alcoólatras e brigavam muito. Tinha uma irmã que “morreu de alcoolismo”. Tinha outros irmãos, mas a mãe deu os filhos e ficou só com a entrevistada e um outro filho. A mãe dava cachaça para eles. As pessoas que a conhecem desde pequena dizem que a mãe lhe dava cachaça na mamadeira para ela dormir e a mãe poder sair. Por um período residiu na casa de uma senhora que em determinado dia a viu na rua e a acolheu. Estava aproximadamente com onze anos. Passou a ajudar nos afazeres domésticos e cuidar da mãe idosa e doente dessa senhora. Não gostava muito de ficar lá, apesar de ser agradecida pela senhora tê-la acolhido, porém o marido desta queria “se aproveitar dela, já que ela vivia de favor”.

Anos depois arranjou um emprego de empregada doméstica e só ia para a casa de sua protetora nos finais de semana. O marido desta “passou a implicar” e exigir que ela lhe entregasse todo o dinheiro. Foi nessa época que conheceu o atual companheiro .

Na mesma época soube que o pai tinha ficado doente e foi cuidar dele. O marido a ajudou muito, levando-o ao médico. Embora o pai não gostasse do seu marido, antes de falecer pediu para que ele cuidasse dela. Logo após o falecimento do pai, engravidou e foi morar com o companheiro na casa da sogra, que separou um quatinho para o casal.

Com o tempo, o marido construiu a atual casa no terreno da mãe. No início aceitava tudo que o marido dizia, pois achava que ele estava sempre certo. Porém sentia-se muito sozinha. O marido era muito ciumento e não queria sua mãe e seu irmão dentro de sua casa. Acha que ele estava certo, pois a mãe, quando bebia, brigava com ela e com o seu marido. Declarou que tem medo de acabar como a mãe e a irmã, pois já bebeu de “rolar no chão”. Durante a entrevista relatou ser muito esquecida e “confundir muito as coisas”. Uma vez se perdeu no centro da cidade e teve medo de não rever os filhos, por isso tem medo de sair sozinha. Não sabe descrever o que acontece, pois quando vê alguém saltando do ônibus salta

também Relatou que lembra de um episódio em que a mãe a esqueceu em determinado local e só depois de muito tempo, retornou para buscá-la e sentiu muito medo.

Na trajetória de vida da entrevistada identificamos situação de violência desde a infância, marcada pela pobreza, abandono, insegurança, humilhação, negligência dos pais, e convivência com a dependência do álcool e suas conseqüências. Essa mulher traz além do componente de gênero, também o componente de raça e classe pelo fato de ser mulher, pobre e negra, componentes estes que desde a formação da população brasileira se apresentam como intensificadores das várias formas de domínio e discriminação.

Sendo assim, observamos no relato dessa mulher, várias situações que se repetem em relação ao tratamento que recebeu da sociedade no decorrer da sua vida e que guarda semelhança com a história de muitas mulheres em outros contextos históricos do Brasil. No Capítulo I descrevemos a situação das escravas semilivres, oriundas das famílias pobres dos arredores, que eram agregadas a outras famílias, que executavam os serviços domésticos e nem sempre recebiam salários e ainda eram assediadas pelos patriarcas das famílias que a acolhiam.

Ao ser indagada sobre o que atribui como motivo para as agressões sofridas, a entrevistada declarou:

“É o jeito dele. Ele tenta mudar, só que não consegue. É mais forte que ele, está muito bem dentro de casa e não sei o que é que dá nele e começa a gritar com aquela ignorância, a gritar, tudo com ele é gritando e aquilo dá um nervoso porque eu não agüento mais os gritos dele sem precisão.”

Podemos dizer que nessa mulher já esta tão incutida o seu papel de subalternidade, que ela não vê como uma atitude de dominação do homem, mas como um jeito de ele ser. Ela não consegue ver no comportamento do homem, um comportamento aprendido, legitimado e aceito pela sociedade.

Ao ser questionada sobre o fato que desencadeia as agressões, respondeu:

(...) Houve somente uma vez que ele quis me agredir com uma barra de ferro(...).Eestava vendo televisão e assistindo um artista que admiro muito, acho bonito.(...) Nunca falei sobre isso com medo, mas ele sabe disso e mudou de canal. Retornei para o canal e ele tornou a mudar.(...) Eu pensei, quem gosta de televisão são as crianças e fui para o quintal. Ele foi atrás discutindo, eu disse que não queria discussão.Ele ficou irritado, cercando em volta da piscina (...) arrancou o pé da piscina e partiu pra cima de mim.

Nesse caso o ciúme funcionou como um agente desencadeador da violência, vindo ao encontro dos resultados das pesquisas realizadas pela Fundação Perseu Abramo e pela pesquisa IBOPE-Instituto Patrícia Galvão, que apontam o ciúme juntamente com o estado etílico, como as duas principais causas da violência.

A princípio o ciúme foi demonstrado pela atitude da troca de canal, ou seja, uma demonstração de autoridade que não deveria ser contestada. Ao sentir-se afrontado pela mulher quando esta deixou a sala para não alimentar a discussão, o homem pretendeu partir para a agressão física.

Vale ressaltar que o sentimento de posse e de autoridade estão tão arraigados nesse homem que, além de não enxergar determinadas atitudes como violentas, ainda as entende como atitudes de proteção, como foi relatado pela entrevistada no trecho abaixo:

(...) Ele me maltrata, mas não admite que ninguém “fale um A”, pra mim(...). Eu não posso ir numa praça com meus filhos conversar com uma colega.(...) Ninguém presta pra conversar comigo. Se pára alguém no meu portão pra conversar, ele difama na hora.(...)Ele fala, eu não te maltrato, alguma vez eu já te encostei a mão? Eu falo, não é porque você não me encostou a mão que você não me maltrata.

Em relação a atitudes violentas para com outras pessoas, ela descreveu:

“(...) Uma vez ele ofendeu uma vizinha, mas depois pediu desculpa. Todo mundo que conhece meu marido diz que ele é doente. Eu não posso falar com ninguém, ou é vagabunda ou é piranha ou é safada ou vai me levar pro mau caminho e idem os meninos que vão conversar com os meus meninos..(...) Em relação as crianças ele agora está bem melhor, já bateu muito, hoje em dia não bate mais.

Soares (1999, p.131) descreve alguns dos mecanismos empregados pelo homem para manter o controle e exercer o poder sobre a mulher, no caso aqui relatado também funciona em relação aos filhos. Seriam os mecanismos de intimidação, coação, ameaças, negação ou minimização do abuso, culpabilização da vítima, isolamento, dominação, controle econômico, manipulação dos filhos e abuso sexual. No caso relatado vemos alguns exemplos desses mecanismos:

- Mecanismo de negação ou minimização do abuso, quando ele diz:

“(...) eu não te maltrato, alguma vez eu já te encostei a mão?”

- Controle econômico:

“(...) Ele queria que eu sáísse de dentro da minha casa , eu falei eu vou pra dentro da casa dos outros de novo, como muitas vezes eu já vivi?(...) Já fui muito

desprezada, humilhada, maltratada”.

- Intimidação, coação e dominação:

“(…) Quando estou conversando com alguém, diz que tenho que contar tudo pra ele, com detalhes, que não posso esconder nada dele, pois é meu marido. Diz que tem direito de saber tudo. Que querem me levar pro mau caminho. Que querem botar alguma coisa na minha cabeça pra eu mudar com ele dentro de casa. Também com os meninos”.

- Isolamento:

“(…) No início aceitava tudo que meu marido dizia, pois achava que ele estava certo. Mas me sentia muito sozinha, pois ninguém ia à minha casa. Ele tinha ciúme do meu irmão e da minha mãe. Quando chegavam os parentes dele, ele brigava e eu tinha que ficar dentro do quarto. Não podia ter amizade com ninguém, nem com os próprios parentes. Ele acha que ninguém presta pra falar com os filhos ou comigo (…). Se eu estiver no portão conversando com alguém ele difama mesmo sem conhecer. Só converso com uma irmã dele, pois os irmãos ele não deixa. Tem ciúme. Diz que homem e mulher não conversam. Até da irmã dele ele já falou. Disse que a gente era sapatão.”

Segundo Soares (1999) como consequência dos mecanismos citados acima as mulheres vitimizadas apresentam determinados sintomas como respostas, como o medo, a depressão, a culpa, a passividade, a baixa auto-estima, que poderiam ser exemplificado no trecho abaixo:

Ainda tenho medo dele, mas não como antes. (...) Um dos meus filhos está mais agressivo. (...) já bebi muito, de rolar no chão, mas agora estou fazendo tratamento, mesmo assim sempre peço para ele comprar vinho e bebo escondido, quando ele vai trabalhar. Ele trabalha a noite.(...) uma vez eu sai de casa, assim andando. Queria fugir dele. Eu não agüentava mais aquela situação. Ele me chamava de burra, horrível. Falava que eu era feia. (...).Tenho bebido muito. (...) Eu vivo pedindo a ele pra comprar. Só que aí eu compro e enquanto não acaba eu não sossego, quero beber, enquanto não acaba, me dá vontade de beber.(...) Eu dependo do meu marido pra tudo. Às vezes eu tenho medo das coisas. Dependente pra sair na rua.(..) eu tenho esquecimento.(...) não sei o que me dá na minha cabeça(...).Eu tenho que tomar remédio.Tenho medo de me perder.Não sei andar na rua sou muito esquecida.Uma vez me perdi no centro da cidade, fiquei com medo de não ver mais meus filhos.

Indagada se o marido também bebe, respondeu:

“Bebe, mas bem pouco as vezes ele bebe por causa de mim.”

É necessário ressaltar que no caso da entrevistada, às consequências da violência vivenciada com o companheiro, somam-se aquelas anteriores à relação atual, como por exemplo o fato de que *“bebia muito de rolar no chão”* e que

ainda estão presentes: “Tenho bebido muito”, “quero beber, enquanto não acaba, me dá vontade de beber”.

Alguns sintomas são difíceis de serem avaliados como consequência da violência atual ou como seqüela da negligência e violência que sofreu na infância. Exemplificando, a entrevistada relata que não sabe andar na rua, que uma vez se perdeu no centro da cidade, e que tem esquecimento. Num outro trecho da entrevista, lembra:

“ uma vez minha mãe me esqueceu num lugar e só depois de muito tempo voltou pra me buscar. Senti medo”.

Está muito claro que essa mulher precisa de tratamento especializado e multiprofissional para superar suas questões atuais e antigas, o que já está sendo feito, como complementação do seu atendimento no CDVida e que irá ajudá-la no processo de ruptura.

As pesquisas na área revelam ainda que o rompimento com a relação violenta é um processo e não um evento definitivo. Inclui períodos de negação, autculpabilização, perdão e muito sofrimento, até a mulher reconhecer a realidade do abuso e identificar-se com outras mulheres em situações semelhantes. No caso que estamos descrevendo, foi a partir do contato com profissionais qualificados e experientes, que identificaram nessa mulher alguém que precisava de ajuda, convidando-a para freqüentar as reuniões que a mesma pôde iniciar uma reflexão sobre a relação que estava vivendo com o companheiro. Ela comenta:

“Lá onde eu moro (...) o pessoal da REDUC estavam fazendo uma palestra(...) os meus meninos estavam no programa da REDUC(...). Eu fui numa reunião lá. Elas me chamaram pra freqüentar, aí eu disse que não podia, que meu marido era muito ciumento, que brigava(...). Aí, fui em duas reuniões. Depois passou a ser lá perto de casa (...) Aí eu passei a freqüentar as palestras (...)uma, até a ... (técnica do CDVida), foi fazer junto e no último dia ela me convidou pra vir ao CDVida. Aí eu vim.

Indagada sobre porque permaneceu tanto tempo em situação de violência, respondeu.

“Meu marido é um homem bom, o que estraga nele é que é muito ciumento. Ele nunca deixou faltar nada em casa, eu é que sou gastadeira. Gosta de ver a geladeira cheia e o armário cheio, gosta de ver eu e os meninos arrumados e não gosta que ninguém me maltrate, nem aos meninos.”

A entrevistada enaltece as qualidades do marido, reconhecendo nele o provedor e o protetor, papéis instituídos culturalmente em nossa sociedade, como próprios do homem, ou seja, ele cumpre seu papel. Ainda reforça essas características ao culpar-se em ser “gastadeira”, para não deixar nenhuma dúvida de que ele é um homem bom. Desse jeito, ela também se justifica pelo fato de permanecer com o homem, pois afinal “ele é um homem bom” e não podemos deixar de ressaltar, o quanto a sociedade cobra das mulheres o fato de permanecerem com seus maridos violentos. Nesse sentido podemos dizer que a mulher é duplamente violentada, na relação, e também pela pressão a que é submetida, seja pela família ou /e pela sociedade em geral, que não conseguem entender os mecanismos dificultadores do rompimento da relação e não apresentam alternativas de superação que possibilitem uma transformação na vida dessas mulheres.

É bom lembrar ainda que nem sempre a denúncia ou o afastamento do agressor garante a segurança e o rompimento definitivo da violência. A literatura aponta para casos de homens que mesmo após a separação continuam exercendo controle sobre as mulheres e ameaçando-as de várias maneiras, chegando até ao assassinato.

Almeida (1999, p.25) cita:

“Mahoney (1991) desenvolveu a noção de “separation assault”, na tentativa de tornar clara a relação entre o processo de ruptura ensejado pela mulher e o aumento da violência masculina, com potencial letal, como via de dominação da mulher. Sua análise é reiterada por pesquisas sobre homicídios conjugais, que revelam sua ocorrência, em grande medida, em decorrência da tentativa de ruptura da relação por parte da mulher”.

Sueli de Almeida em seu livro Femicídio (1999 p.28), analisando vários casos de violência contra a mulher, comenta como esses casos

“(…) indicam diversas tentativas de separação, anteriormente feitas pelas mulheres, porém, fracassadas. O medo sentido por essas mulheres (...) decorrentes das ameaças recebidas, quando manifestavam o desejo de romper a relação ou de denunciar as agressões sofridas, mesclado com expectativa de preservação de suas famílias, as levava de volta para o interior de relações violentas (...).”

Ao mesmo tempo, nem sempre romper com a relação violenta é necessariamente ter que romper com o casamento. No caso que estamos apresentando, apesar de continuar dentro da mesma relação, a mulher conseguiu mudar seu comportamento a partir do atendimento no CDVida, conforme o relatado ao ser indagada sobre o que esperava quando procurou a instituição e o que mudou a partir do atendimento:

“Eu queria mudar. Não queria ser dependente dele. (...) Depois que eu entrei aqui, ele falou que eu mudei muito. (...) agora eu não conto nada pra ele. Hoje quando meu marido pergunta o que eu converso no CDVida, eu digo que é coisa de mulher.(...) Já saio de casa. Ontem eu fui na psicóloga e ela falou, porque você não está tomando os remédios? Aí, eu vou passar agora no CEATA e vou marcar.(...)Converso muito com meu marido, sobre a melhor maneira de educar as crianças. Assisto um programa de televisão que trata disso.Digo que ele quer tratar os meninos como o pai dele fazia,batia muito nele. No outro dia eu fui na praça com os meninos. Ele não quis ir, eu fui.”